

2. É preciso salvar a semente

O Catecismo da Igreja Católica define assim a virtude da esperança:

“A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo. ‘Conservemos firmemente a esperança que professamos, pois Aquele que fez a promessa é fiel’ (*Hb* 10, 23). ‘O Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, para que, justificados pela sua graça, nos tornássemos, em esperança, herdeiros da vida eterna’ (*Tt* 3, 6-7)” (CIC n. 1817).

Acredito que muitos sentem a exigência de reencontrar a esperança porque a situação do mundo, da Igreja, de nossas comunidades, nos pede que retornemos ao essencial, àquilo que realmente nos salve, ao que salve realmente a vida e àquilo que para a vida é mais precioso.

Há um diálogo entre Dom Camilo, de Giovanni Guareschi, e o Cristo crucificado, sobre o qual não me canso de pensar e que cito com prazer. Saibam que, Dom Camilo é um personagem cheio de paixão, sempre em luta para defender a Igreja e as almas das insídias da ideologia. Nas histórias em que ele é o protagonista, ambientadas na Itália e na Emília-Romanha do pós-guerra, ele está sempre discutindo com o prefeito comunista de sua paróquia, Peppone, que, no entanto, compartilha com o pároco, se não as ideias, pelo menos uma saudável humanidade que acaba sempre por colocá-los de acordo na busca do bem do povo e, em particular, dos mais pobres. Dom Camilo tem uma relação muito familiar com o Jesus crucificado do altar da sua igreja, ao qual ele vai frequentemente para falar dos seus problemas. Jesus o conforta, mas muitas vezes também o corrige e o repreende quando seu caráter impulsivo o faz ultrapassar os limites do comportamento pacato e conciliador que deveria ter um padre.

Em uma das últimas histórias de Dom Camilo, Guareschi o descreve confrontado com os tempos modernos, com a desordem e a confusão cultural, social e moral na qual a sociedade está mergulhando, sobretudo os jovens. Isso foi escrito no final da década de 1960. Imaginem o que se escreveria hoje!

Um dia, de fato, Dom Camilo desabafou com Jesus sobre a decadência dos tempos. Daí nasce um diálogo que pode nos iluminar sobre como devemos e podemos enfrentar também nós os problemas de hoje, até mesmo os problemas da Igreja e da vida monástica:

“Senhor, o que é esse vento de loucura? Não é talvez que o círculo está por se fechar e o mundo corre em direção à sua rápida autodestruição?”

‘Dom Camilo, por que tanto pessimismo? Será que meu sacrifício teria sido inútil? Minha missão entre os homens teria, portanto, fracassado porque a maldade dos homens é mais forte do que a bondade de Deus?’

‘Não, Senhor. Eu só queria dizer que hoje as pessoas só acreditam naquilo que veem e tocam. Mas existem coisas essenciais que não se veem e não se tocam: amor,

bondade, piedade, honestidade, pudor, esperança. E fé. Coisas sem as quais não se pode viver. Essa é a autodestruição de que eu falava. O homem, ao meu ver, está destruindo todo o seu patrimônio espiritual. A única verdadeira riqueza que em milhares de séculos ele tinha acumulado. Um dia, não muito distante, ele se encontrará como o homem das cavernas. As cavernas serão altos arranha-céus cheios de máquinas maravilhosas, mas o espírito do homem será aquele do homem das cavernas [...] Senhor, se é isso que vai acontecer, o que podemos nós fazer?'

Cristo sorriu: 'Aquilo que faz o agricultor quando o rio transborda as margens e invade os campos: é preciso salvar a semente. Quando o rio voltar ao seu leito, a terra reaparecerá e o sol a secará. Se o agricultor tiver salvado a semente, ele poderá lançá-la na terra tornada ainda mais fértil pelo lodo do rio, e a semente frutificará, e as espigas cheias e douradas darão aos homens pão, vida e esperança. É preciso salvar a semente: a fé. Dom Camilo, é necessário ajudar aqueles que ainda têm fé e mantê-la intacta. O deserto espiritual se estende mais e mais a cada dia, a cada dia novas almas definham devido ao abandono da fé. A cada dia mais homens de muitas palavras e de nenhuma fé destroem o patrimônio espiritual e a fé dos outros'" (Giovannino Guareschi, *Don Camillo e don Chichì*, in *Tutto Don Camillo*. Mondo piccolo, II, BUR, Milano, 2008, pp. 3114-3115, tradução nossa).

Portanto, a esperança significa exatamente isso: salvar o essencial, salvar aquilo que permite à vida e ao sentido da vida voltar a viver, ressurgir depois de cada morte e destruição, depois que tudo parece estar afundando, porque águas ameaçadoras e turvas se elevam com violência acima da nossa vida tranquila, cotidiana, na qual tudo parecia prosseguir sem problemas, na qual pensávamos que viver a fé fosse simples, sem contradições.

Mas, se vivemos a esperança, nos é possibilitada uma experiência que não nos parecia possível: que aquelas águas que cobriram tudo, que talvez tenham varrido tudo, nos ajudaram a fazer aquilo que Deus realmente queria de nós: viver pela fé, viver apegados ao que é essencial, àquilo que promete verdadeiramente fecundidade à vida. A vida é fecunda não quando temos os celeiros cheios de grãos para consumir, mas quando conserva e transmite as sementes para semear, as sementes que transmitirão, mesmo depois de nós, a vida, a fé, o amor a Cristo e à humanidade.